



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 10, Nº 2, 2025, P. 147-169
ISSN: 2448-2390

Samba: por uma literatura menor

Samba: for a minor literature

DOI: 10.20873/rpvn10v2-47

Wesley Barbosa

E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8766-6670>

Resumo

O artigo pretende fazer uma análise do conceito de literatura menor elaborado por Deleuze e Guattari em *Kafka: por uma literatura menor* para verificar se a poesia dos sambas enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro se enquadrariam nesta formulação. Para chegar ao conceito modal do texto, fizemos uma discussão sobre multiplicidade e rizoma, assim como desenvolvemos os conceitos de arqueologia e genealogia de Foucault, no sentido de devolvermos à História a leveza das coisas, a poesia do mundo e a postura ética de assumir as descontinuidades e silêncios como chaves de leituras para uma discursividade das lutas políticas dos grupos sujeitados da historiografia oficial.

Palavras-chaves

Samba. Literatura menor. Genealogia. Arqueologia e multiplicidade.

Abstract

The article intends to analyze the concept of minor literature developed by Deleuze and Guattari in *Kafka: for a minor literature* to verify if the poetry of the sambas, plots of the samba schools of Rio de Janeiro would fit into this formulation. To arrive at the modal concept of the text, we discussed multiplicity and rhizome, as well as developed Foucault's concepts of archeology and genealogy, in the sense of returning to History the lightness of things, the poetry of the world and the ethical posture of assuming the discontinuities and silences as keys to readings for a discursivity of the political struggles of the subjected groups of official historiography.

Keywords

Samba. Minor literature. Genealogy. Archeology and multiplicity.

Rizoma

Deleuze, Guattari, Foucault não inauguraram uma novidade epistemológica e hermenêutica. De Nietzsche eles sustiveram seus apontamentos. Porque Nietzsche parece ter

lembrado à filosofia sobre sua função primeira de indagar e duvidar de toda pretensão dogmática de explicar. Desde Sócrates, a filosofia teria se tornado ontologia de um ser atrás da aparência, a qual debruçar-se-ia sobre os duros arranjos do pensamento racional, coeso e coerente para acessar a verdade a partir das defeituosas imagens das sombras. Sem as sombras e a clareira de fogo da tumba do pensamento, imortalizada pela alegoria da caverna: o mundo é um só. Todo ele, de uma vez, sem ordem ou sentido, sem valores morais. Tudo isto que criamos, a ciência, a moral, as artes, são meios de tornar o mundo suportável a uma existência consciente da dor de ser isto que se é. Ao darmos sentido ao mundo, o humanizamos, transformando-o em algo palatável. Nietzsche e todos os que o leram com a lentidão de uma vaca tiveram a perspicácia de usar outra linguagem, aquém do formalismo estrutural, pois perseveraram na crítica mais interna dos sistemas filosóficos utilizando-se do próprio dizer como recurso de escanção analítica da utopia socrático moderna. Por isso, o leitor apressado, ou escravizado por uma cultura milenar de disciplinarização do pensamento, elevada ao cubo nestas épocas atuais de redes sociais, pode achar Nietzsche ou Deleuze incompreensíveis. Não se trata de compreensão quando se descobre que estas noções substancialistas de controle da realidade são falsas. Causalidade, verdade, objetividade, linearidade, inferência, são formas poéticas inventadas pelo homem do conhecimento para a aplacar a sua angústia, que troca o nada de ser pelo nada da vontade de verdade.

As palavras de Joyce, justamente ditas "com raízes múltiplas", somente quebram efetivamente a unidade da palavra, ou mesmo da língua, à medida que põem uma unidade cíclica da frase, do texto ou do saber. Os aforismos de Nietzsche somente quebram a unidade linear do saber à medida que remetem à unidade cíclica do eterno retorno, presente como um não sabido no pensamento (DELEUZE; GATTARI, 2014, p. 21).

Acusar Nietzsche de poeta é típico de um pensamento dual. A poesia não é pior que a ciência, apenas uma outra perspectiva. E a alegação de utilidade da ciência não a eleva tão mais alto que as outras perspectivas, ao contrário, é porque útil, que enquanto perspectiva intervém no real transformando-o, humanizando-o. A poesia faz o mesmo, as artes também. Se a dureza do cálculo no seu utilitarismo pragmático, conseguisse impregnar-se da inutilidade das artes, talvez as cidades fossem mais acolhedoras para todas as pessoas, o sistema econômico

alimentaria todos as pessoas do mundo e o planeta seria menos castigado. Quando o cálculo se sobrepõe, a unidade impera reduzindo os agenciamentos, numa política de morte: alguns podem viver enquanto outros se deixa morrer. Porém, quando as *hard science* se permitem acoplamentos mais espontâneos e múltiplos, a vida prolifera. As vacinas são um exemplo disto. O problema é que a máquina científica é binária, em forma de raiz pivotante.

Vale dizer que o sistema fasciculado não rompe verdadeiramente com o dualismo, com a complementaridade de um sujeito e de um objeto, de uma realidade natural e de uma realidade espiritual: a unidade não pára de ser contrariada e impedida no objeto, enquanto que um novo tipo de unidade triunfa no sujeito. O mundo perdeu seu pivô, o sujeito não pode nem mesmo mais fazer dicotomia, mas acede a uma mais alta unidade, de ambivalência ou de sobredeterminação, numa dimensão sempre suplementar àquela de seu objeto (DELEUZE; GATTARI, 2014, p. 21).

O rizoma, diferentemente, se conecta a tudo. Pontos de um, em qualquer ponto do outro, sem ambivalência ou maniqueísmo dualista, sem previsibilidade probabilística de conexão, o acaso muito mais presente que o causalismo rarefeito das conjunções artificiais das grandes cucas pensantes, tão absortos no seu pensamento, que esqueceram da vida. “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais.” (DELEUZE; GATTARI, 2014, p. 22). A gramática ainda é pivotante, mas a língua solta na boca do povo, percorre caminhos inexplorados pelo rigor dos linguísticos. Vadiando entre os vadios do mundo, ela faz agenciamentos com o poetas da rua que nunca frequentaram escolas. O samba conta esta história de uma língua em fluxo, sem o pecado da concordância verbo-nominal em desalinho com a norma culta, da crase ou do adjunto adnominal no núcleo do predicado devidamente prefixados na análise sintática dos elementos da oração. Quando a língua dos moradores de rua da Cinelândia vira samba, a língua perde a sua unidade para ganhar a multiplicidade, porque libertou-se de todas as amarras e se permitiu realizar quais outras amarras possam ser necessárias para que aquelas pessoas realizem as suas vidas, mesmo a vida de miséria nas calçadas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro defecando sobre o chafariz sucateado da Praça Mahatma Gandhi.

Não existe uma língua-mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política. A língua se estabiliza em torno de uma paróquia, de um bispado, de uma

capital. Ela faz bulbo. Ela evolui por hastes e fluxos subterrâneos, ao longo de vales fluviais ou de linhas de estradas de ferro, espalha-se como manchas de óleo (DELEUZE; GATTARI, 2014, p. 22).

A língua livre demonstra o seu caráter rizomático, múltiplo, heterogêneo, antifamilista, revolucionário, hipotético, duvidoso, poético.

Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore lingüística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. Os *"Agenciamentos coletivos de enunciação"* funcionam, com efeito, diretamente nos *agenciamentos maquínicos*, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos (DELEUZE; GATTARI, 2014, p. 22).

Multiplicidade, agenciamentos, conexões em devir. Impossibilidade analítica do Um como ancoradouro das certezas, sem nada que extravase as cercas idealistas de proteção contra o desamparo e a falta de sentido. A ficção moderno iluminista dos especialismos, ao contrário da utopia por eles advogada, limitou severamente a nossa capacidade de perspectivar o mundo, pois o seu aprisionamento científico ainda requeria dogmas de verdade. Algum acesso a verdade das coisas só será possível como fluxo, inserção no fluxo, interdisciplinaridade, atravessamentos, o no múltiplo que o vida se sustenta, é o rizoma capaz de fazer os saberes se conectarem.

Conceituar como filosofia: genealogia, ao invés, de História

A arqueologia, sem os atributos de uma metafísica do ventríloquo do tempo, consegue penetrar por trincheiras, antes escondidas, pelo olhar organizador do positivista: como os cortes, as falhas, o que escapa a curva normal da estatística. O fora do campo de testes probabilístico assume a cena como um inumerável, um não quantificável, um erro resistente: o anormal. "A arqueologia fala – bem mais à vontade que a história das ideias – de cortes, falhas, aberturas, formas inteiramente novas de positividade e redistribuições súbitas." ((FOUCAULT, 2013, p. 206) Nestes abismos do acaso da história encontram-se sons dissidentes, anárquicos,

polivalentes. Não é à toa que os assuntos prediletos correspondem a longa duração como uma história sem pessoas, com voos imensos de um antes para um depois, como a justificar um argumento qualquer; a história das grandes personagens políticas, dos eventos mais extraordinários, da economia e seus recortes de desenvolvimento.

A que corresponde essa insistência sobre as discontinuidades? Na verdade, ela só é paradoxal em relação ao hábito dos historiadores. É esse hábito – e sua preocupação com as continuidades, passagens, antecipações, esboços prévios – que, muito frequentemente, representa o paradoxo (FOUCAULT, 2013, p. 206).

Os agenciamentos coletivos de enunciação da história são infinitos e a arqueologia inventa um modo de argumentação que exalta todo o sentido rizomático dos eventos passados e futuros. “Se há um paradoxo da arqueologia, não é no fato de que ela multiplicaria as diferenças, mas no fato de que ela se recusa a reduzi-las – invertendo, assim, os valores habituais.” (FOUCAULT, 2013, p. 207). Portanto, os documentos traduzem-se em história, na sua linearidade transcendental, e também guardam, para quem souber ler, as discontinuidades, os desajustes, o proibido, o que só poderia ser enunciado como código fonte que exige uma chave interpretativa, para ver um real que a história oficial escondeu.

Os territórios arqueológicos podem atravessar ‘textos literários’ ou “filosóficos”, bem como textos científicos. O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas (FOUCAULT, 2013, p. 221).

Uma arqueologia pretende inaugurar territórios existenciais (re)existentes aos processos de captura e elevar os saberes sujeitados a uma condição de análise móvel, ambiciosa por criar indicativos argumentativos para a luta.

Portanto, os ‘saberes sujeitados’ são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição.[...] Por ‘saberes sujeitados’, eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridas (FOUCAULT, 2010, p. 8).

As genealogias complementam as arqueologias, no sentido de que perseveram nas descontinuidades, porém, agora, com uma intenção, como vontade de saber e poder, de encontrar os eventos de uma luta. De vasculhar nas poeiras dos arquivos e nas minúcias do texto oficial essas vozes dissonantes, apagadas pela história. Porque como já dito, a história está a serviço da constituição do Estado. Assim, a História do Brasil é uma história branca, europeia e acrítica, mesmo quando assume os conceitos marxistas.

[...] ela os retoma no duplo processo da totalização e da atualização de uma racionalidade que é a um só tempo final, mas fundamental, e em todo caso irreversível. Enfim, a dialética assegura a constituição, através da história, de um sujeito universal, de uma verdade reconciliada, de um direito em que todas as particularidades teriam enfim seu lugar ordenado (FOUCAULT, 2010, p. 8).

Pois, o negro, é resolvido na história como o escravo. Se retira a humanidade da pessoa naturalizando-a a seu papel no exercício da economia mercantilista. Os estudos sobre os povos negros são bastante recentes, segunda metade do século XIX e, ainda, impregnados do naturalismo biologicista e racista europeu, expresso, primeiramente, pelo psiquiatra Nina Rodrigues. O candomblé, o samba, a pequena África de Tia Ciata, os grandes reinos de Haussá, Daomé, Gege, Mahi, Fulani, Igbo, as regiões Iorubá, Bantu, e toda a complexidade e multiplicidade política da Costa Ocidental africana, não como região de comércio de escravos, mas de tráfico internacional de pessoas, e não como se fossem uma coisa só, são histórias de luta, esquecidas propositalmente pelo colonizador como algo sem importância, sem a altura do merecimento do registro detalhado, como fatos incontestáveis do Período Colonial e Imperial brasileiro.

Portanto, não é um empirismo que perpassa o projeto genealógico; não é tampouco um positivismo, no sentido comum do termo, que o segue. Trata-se, na verdade, de fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretendia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência que seria possuída por alguns (FOUCAULT, 2010, p. 10).

O tratado *Os Africanos no Brasil* de Nina Rodrigues é o documento que inicia os estudos sobre os povos pretos no Brasil, e como seria esperado, tem a pretensão de científico, objetivo

e neutro. Assim, o livro enumera uma enormidade de detalhes da cultura e das nações africanas, do processo de escravização, porém com uma conjunção de pareceres de autor, que além de achismos de sua parte, evocam concepções racistas, eugenistas, machistas. Ora, se o ofício de uma história marcadamente positivista carrega consigo o naturalismo como substrato, negar isto, é, no mínimo, uma atitude ética.

Há toda uma tradição da história (teleológica ou racionalista) que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal – movimento teleológico ou encadeamento natural (FOUCAULT, 2004, p. 54).

O discurso de Nina Rodrigues é o das continuidades, das coerências absolutas, nele, todavia, há descontinuidades que é preciso garimpar para elaborar uma genealogia que desmonte este discurso racista. O discurso homogenizador do cientista é sabotado pelo genealogista que escancara a diversidade dos discursos, confrontando uns contra os outros, desautorizando o discurso oficial pela exposição de outros modos de formulação: descontínuos, disruptivos, revolucionários.

As genealogias não são, portanto, retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata. As genealogias são, muito exatamente, anticiências. Não que elas reivindicuem o direito lírico a ignorância e ao não-saber, não que se tratasse da recusa de saber ou do pôr em jogo, do pôr em destaque os prestígios de uma experiência imediata, ainda não captada pelo saber. Não é disso que se trata. Trata-se da insurreição dos saberes (FOUCAULT, 2010, p. 10).

Deste modo, a história dos historiadores, não passa de genealogia, genealogia dos reis e do poder. Toda aquela discursividade sobre neutralidade e cientificidade correspondem a uma estratégia política para ludibriar os espíritos mais ingênuos sobre a autenticidade do conteúdo narrado. Todo passado e todo presente são construídos segundo as determinações das lutas no jogo de forças do real. Se na luta há transformações, então o passado é móvel, fluído, e requerido com as nuances de sentido exigidos pelos agentes transformadores do real no agora. Assim, o ensino, a transmissão destes discursos, reforçam o que já está constituído, preservando o *status quo*. A história conserva muito mais que transforma.

[...] e, enfim, a genealogia deve elevar o valor do nome dos reis e dos príncipes com todos os renomes que os precederam. Os grandes reis fundamentam, pois, o direito dos soberanos que

lhes sucedem e transmitem, assim, seu brilho para a pequenez de seus sucessores. Aí está o que se poderia chamar a função genealógica da narrativa histórica (FOUCAULT, 2004, p. 56).

Mais uma coisa, os que ocupam o poder instituído requisitam serem desumanizados para alcançarem a santidade de um Deus. Um político como apenas alguém de carne e osso é frágil demais a uma massa de desvalidos e famintos, se requeria ao poder um homem acima de todas as prerrogativas, único, incomparável, alguém que a massa reconheça como o mais elevado dos cavaleiros, o mais destemido guerreiro, o mais inteligente e culto de todos os viventes. O discurso histórico cria essa áurea de pureza e elevação. Quando o historiador usa a sua pena, o completamente corriqueiro ganha dimensões colossais de importância e imortalidade. O historiador é o Deus capaz de dar eternidade aos homens do poder. O historiador é o Deus que transforma políticos em deuses.

O eixo genealógico narrava a antiguidade dos reinos, ressuscitava os grandes ancestrais, reconhecia as façanhas dos heróis fundadores dos impérios ou das dinastias. Nesse tipo de tarefa genealógica, trata-se de fazer com que a grandeza dos acontecimentos ou dos homens passados possa caucionar o valor do presente, transformar sua pequenez e sua cotidianidade em algo igualmente heroico e justo (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Assim, utilizaremos da genealogia como prolongamento da arqueologia para construir uma história sem suas pretensões megalomânicas e ingênuas de verdade, e suas intenções, nem um pouco fortuitas, de manipulação do passado para finalidades políticas de poderosos patrocinadores da encomenda historiográfica. Isto porque uma história do samba exigiria outras estratégias de investigação e análise: múltiplas, rizomáticas, rebeldes. Com a genealogia se pretende escolher os sambas enredos, os eventos, que exaltem uma história dos povos negros, como tática de (re)existência política e social.

Unidade e multiplicidade

A totalidade, portanto, é destotalizada, porque no todo de si não há o todo dos outros. A totalidade total é inócua, pois se abarca tudo, inclui o nada como parte do todo, e se o nada, está no conjunto da totalidade, algo esvazia murchando o conjunto unitário: o todo implode-se como conceito puro. Optaremos por categorias mais flexíveis, que incluam e aglutinem mais sentido,

que eliminem unidades e/ou contenham a multiplicidade. Multiplicidade da totalidade como totalidade ao lado, totalidade do Um em relação a outras totalidades. Não é fácil para as nossas cucas ocidentais, adestradas na metafísica do espantalho moribundo do sacerdócio católico, pensar em outros termos que ampliem essas noções concepções fáceis como Deus total, édipo, dialética. Aliás, estamos acostumados demais a pensar, talvez fosse a hora de começar a sentir, - não porque haja um racha entre o pensar e o sentir, nunca houve, os metafísicos que inventaram isto -, contudo, a experiência do sentir nos foi tolhida, como algo supérfluo, pela educação que recebemos. “Proust dizia, pois, que o todo é produzido como uma parte ao lado das partes, que ele não unifica nem totaliza, mas às quais se aplica instaurando comunicações aberrantes entre vasos não comunicantes, [...]” (DELEUZE; GATTARI, 2011, p. 62). De novo, a sede por uma máquina totalizadora é uma saída confortável para aqueles que não querem ou não podem ou não conseguem lidar com a angústia primordial. Primeiro, o desamparo, depois Deus, a verdade, o método, o candidato a presidente X ou Y, o trabalho, a rotina, os filhos, a psicanálise, a esquizoanálise, Foucault, Marcuse... Mas, é primeiro o desamparo e depois, também!

Já não acreditamos na grisalha de uma insípida dialética evolutiva, que pretende pacificar os pedaços arredondando suas arestas. Só acreditamos em totalidades *ao lado*. E se encontramos uma totalidade ao lado das partes, ela é um todo *dessas* partes, mas que não as totaliza, uma unidade de todas essas partes, mas que não as unifica, e que se junta a elas como uma nova parte composta à parte (DELEUZE; GATTARI, 2011, p. 62).

Seja o caráter catequético dos portadores de uma multiplicidade como pensamento, seja o uno como sumidouro do resultado do pensamento disciplinado, o que Deleuze e Guattari sugerem é não impedir que os agenciamentos aconteçam, pois a miséria de ser isto que somos revigora-se numa vontade de poder como amplificação estética de si quando estas conexões ocorrem. Estamos fadados, na defesa da justiça, a sermos injustos pela violência de achar saber o que é bom para o outro, são os microfascismos; porém, outros agenciamentos mais potentes dirimiriam esse autoritarismo subjacente.

Diferente é o rizoma, *mapa e não decalque*. Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o

mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real (DELEUZE; GATTARI, 2014, p. 30).

Na medida em que os agenciamentos não são planejáveis, nem estão fixos, que a vida toma o sentido de uma força inexpugnável, porque apesar de nenhuma vantagem humana diante da consciência do nada enquanto volição, que multiplicamos o múltiplo a enésima potência, nos permitindo ser isto que se é, sem a vergonha e a culpa de um passado como simpático carrasco a nos chicotear.

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz (DELEUZE; GATTARI, 2014, 24).

Esse carrasco é a unidade sobrepondo-se ao múltiplo. A culpa neurótica vislumbra um agente imaginário que carrega toda a autoridade para punir a partir de um certo totalitário. Ou seja, esta proposição é uma fantasia, o neurótico teria que libertar-se de uma série de coisas para conectar-se a muitas outras. “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras.” (DELEUZE; GATTARI, 2014, p. 25). Na linguagem de Zaratustra, se livrar do espírito de peso, que nos impede de sentir a leveza do filósofo dançarino. A travessia da fantasia, enquanto terapêutica do sujeito, entrega ao paciente, ao final da análise, o deserto de ser. Lá, onde todo significativo foi esvaziado de si, que é possível significar estas, antes, unidades da fantasia, em pontos móveis conectáveis a diversos outros pontos.

A noção de unidade aparece unicamente quando se produz numa multiplicidade uma tomada de poder pelo significativo ou um processo correspondente de subjetivação: é o caso da unidade-pivô que funda um conjunto de correlações biunívocas entre elementos e pontos objetivos, ou do Uno que se divide segundo a lei de uma lógica binária da diferenciação do sujeito. A unidade sempre opera no seio de uma dimensão vazia suplementar àquela do sistema considerado (sobrecodificação). (DELEUZE; GATTARI, 2014, p. 24).

Por tudo isso, agora podemos nos encaminhar para a discussão sobre literatura menor e se a arte poética sambística corresponderia a este conceito. Se a um olhar apressado, o carnaval de sambas enredos, como maior espetáculo da Terra, pareceria uma literatura maior,

subserviente aos interesses do capital, com mais calma e cuidado, uma genealogia do samba, demonstraria o seu caráter transgressor, político e social, demarcando o seu caráter menor.

Literatura menor

O samba é literatura menor, não porque seja pequeno, mas porque é escrito pelo povo, na sua língua menor. Um povo flagelado pela escravidão, povo preto tolhido da educação formal, gente que fala do seu jeito o português das ruas. O samba é uma menoridade linguística proibida e amordaçada pela repressão policial. Em terreiro de candomblé, os tambores baixam o santo para festa dos deuses em processões de adoração.

Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Mas a primeira característica, de toda maneira, é que, nela, a língua é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização (DELEUZE; GATTARI, 2021, p. 35).

Este canto menor transforma tudo em político. Mesmo o samba mais ingênuo carrega consigo a ancestralidade dos povos africanos escravizados, das casas de samba, da (re)existência cultural como direito ao menos de professar sua fé. “A segunda característica das literaturas menores é que tudo nelas é político.” (DELEUZE; GATTARI, 2021, p. 36). O corpo negro sustendo seus tambores aumentando o tom e a velocidade do canto já são líricos agenciamentos da luta política pela arte.

Chegou nessa terra santa
Bahia viu a Nação Nagô
E através dos orixás
O rumo do seu povo encontrou¹

¹ BEIJA-FLOR. *A saga de Agotime, Maria mineira Naê*. Composição: Cleber, Déo Caruso, Osmar. Nilópolis: 2001. Ouvir in: <https://www.youtube.com/watch?v=CSxwUkF6BxM>

O samba não é individual, é um agenciamento coletivo de enunciação. Tanto a poesia quanto a música são construídos coletivamente, junto a comunidade, em franca sintonia com o povo. Por mais que os interesses comerciais demandem alguns produtos, a comunidade tem o seu protagonismo. Aliás, a composição comunitária da arte carnavalesca faz parte da tradição, e é, por isso, recurso a ser explorado pelo próprio mercado. Assim, a dimensão de multiplicidade se exige presente para que o real não seja reduzido nisto ou naquilo como negação um do outro. Nas minúcias disso que se faz resistência.

Maria Mineira Naê
Agotime no clã de Daomé
E na luz dos seus Voduns
Existia um ritual de fé
Mas isolada do reino um dia
Escravizada por feitiçaria
Diz seu vodum que do seu culto
Um novo mundo renasceria (BEIJA-FLOR, 2001)²

O samba como enunciação coletiva, ainda tem singularidades, tão genuínas quanto espetaculares. Alguns, inclusive, não conseguem entender e atribuem a essa manobra de (re)existência de si e dos outros, uma alienação política, não coletiva, do sujeito. Ao contrário, diante do racismo, da demonização das religiões de matriz africana e da música de terreiro, da proibição de tocar violão, cavaquinho, pandeiro, como atribuições de “vagabundo”, diante do

² Ibidem.

mais atroz crime hediondo praticado como sistema comercial, o tráfico de pessoas como escravizadas, eles nunca se resignaram diante do sofrimento, ao contrário, elaboraram respostas criativas e coletivas para continuar existindo quando nada mais fazia sentido. As respostas do povo preto deixaram e deixam o colonizador branco (aplica-se esse epíteto a intelectual branco, ainda incapaz de reler a história e a si mesmo como racistas) confuso, pois por que tanta alegria e leveza? Sentir-se alegre e trabalhar para promover isto nos outros não é algo irrisório, isto é a plenipotência de uma vida que (re)existe, toda, inteira, maravilhosa, para escândalo do covarde traficante de pessoas. Sorrir não é menor que se filiar a um partido político ou ao sindicato, é tão poderoso quanto, melhor seria aglutinar ambos. “[...] o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz é necessariamente político, mesmo que os outros não estejam de acordo. O campo político contaminou todo o enunciado.”(DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 37). É a literatura do samba que organiza esses dizeres como um canto cadenciado a contagiar o mundo todo de alegria e liberdade. Os movimentos de luta quilombola, *rapper*, *funk*, grafiteiro, de luta pela moradia, da reforma agrária, de combate ao extermínio da juventude preta, são vozes calorosas desta militância política. Todas elas focando no mesmo lugar, na luta por direitos, na luta por justiça. Mas os movimentos artísticos conseguem alcançar, por outras vias, o público racista, os políticos, as elites, para fazer reverberar uma transformação, no plano da cultura, como processo de subjetivação de uma ação singular de um povo em luta.

Chico César em *Reis do Agronegócio*, para dar um exemplo, promove agenciamentos de uma multiplicidade infinita fomentando microrrevoluções pessoais; sua poesia demarca fissuras no chão duro e maciço das certezas fascistas, sua revolução, enquanto articulação político estética, é mais profunda e duradoura.³

³Ouvir in: <https://www.youtube.com/watch?v=ml8A63W4Cgo>

[...], é a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, malgrado o ceticismo (DELEUZE; GATTARI, 2021, p. 37).

Assim, a literatura, o samba enredo, tem uma função educativa, formacional, revolucionária e de promoção de alegria e felicidade, em lugares, que muitas vezes, o Estado é ausente e ineficaz, lembrando do território, apenas, para realização de operações policiais de combate ao tráfico de drogas, normalmente como muitas mortes.

A máquina literária toma assim o lugar de uma máquina revolucionária porvir, de modo algum por razões ideológicas, mas porque só ela é determinada a satisfazer as condições de uma enunciação coletiva que faltam por toda outra parte nesse meio: *a literatura é a tarefa do povo* (DELEUZE; GATTARI, 2021, p. 37).

O povo negro sequestrado da África no Período Colonial, não conhecia a língua portuguesa, nem a dos povos de Pindorama. Os traficantes de pessoas, inclusive, se utilizavam da multiplicidade linguística das várias culturas de aqui e de lá, para dificultar a capacidade de mobilização política dos cativos. Mesmo hoje, a cultura negra, quando não observada como uma generalidade de coisas, sem um devido aprofundamento, reverbera essa língua sufocada pela língua do colonizador. Os sambistas, desde as suas origens no início do século XX na Gamboa do Rio, introduzem certas palavras do vocabulário de uma língua menor, marginalizada, subalternizada. Esse recurso poético garante a proficiência de palavras africanas ou afro-americanas como (re)existência política. Por exemplo, no jogo de palavras para trazer elementos da cultura musical de Angola numa conexão com o samba, em *Você Semba de Lá, Que Eu Sambo de Cá – O Canto Livre de Angola*, do carnaval da Vila Isabel de 2012.

Semba de lá, que eu sambo de cá
Já clareou o dia de paz

Vai ressoar o canto livre
Nos meus tambores, o sonho vive (a Vila)⁴

O samba, expressão artística criada pelo povo preto brasileiro, num turbilhão difícil de separar para não se incorrer no reducionismo, de candomblé no fundo dos quintais das casas das tias baianas, Ciata como a mais conhecida e venerada, as festas dos santos católicos, a migração de pessoas da Bahia para o Rio, o trabalho pesado na região portuária, o acolhimento das tias, tanto no sentido de abrigar os migrantes quanto de fazer com que a festa receba todo tipo de gente e dure por muito tempo, *o samba não pode morrer*. As marcas do passado de escravidão e uma abolição da escravatura, bem aquém de um projeto de libertação política como afirmação de uma cidadania plena para os negros. Mas, mais ainda, isto tudo deste Brasil negro está conectado à África de um modo indelével: neste samba, em especial, a Angola. “Reina, ginga, ê, matamba, vem ver/ A Lua de Luanda nos guiar/ Reina, ginga, ê, matamba, negra de zambi/Sua terra é seu altar/ É samba, é raiz, é de raiz africana”⁵. Musica lá, música daqui, língua

⁴VILA ISABEL. *Você Semba de Lá, Que Eu Sambo de Cá - O Canto Livre de Angola*. Composição: André Diniz, Arlindo Cruz, Artur Das Ferragens, Evandro Bocão, Leonel. Rio de Janeiro: 2012. Ouça in: https://www.youtube.com/watch?v=cNeHY5z_XN8

⁵Ibidem. *Você Semba de Lá, Que Eu Sambo de Cá - O Canto Livre de Angola*.

de lá, língua estrangeira aqui. Estranho dizer desta musicalidade poética afro-brasileira, estrangeira porque o racismo impede a sua complementariedade aos usos da brasilidade. Contudo, o carnaval, por seu caráter inversor e transgressor, consegue falar. Se no dia a dia, o toque dos atabaques repercute num incomodo, – panaceia delirante construída pela Igreja Católica por toda a História do Brasil –, no carnaval ele vibra mais à vontade. Assim, esta língua longeva por causa do racismo, soa habitual, como brasilidade promovendo múltiplas conexões, desde aos próprios compositores, intérpretes, músicos, como aos racistas nazifascistas, nem que seja porque no carnaval ninguém sai sem escutar uma música que seja, obrigatoriamente. Como no carnaval da Grande Rio de 2022, que colocou o Brasil para discutir e refletir sobre Exu, sua força e poder, mas também desconstruir muito dos conteúdos racistas e de intolerância religiosa subjetivados por séculos a fio de difamação e desrespeito.

Vibra oh minha Vila
A tua alma tem negra vocação
Somos a pura raiz do samba
Bate meu peito à tua pulsação
Incorpora outra vez kizomba e segue na missão
Tambor africano ecoando, solo feiticeiro
Na cor da pele, o negro
Fogo aos olhos que invadem
Pra quem é de lá
Forja o orgulho, chama pra lutar (VILA ISABEL, 2012)⁶

No último trecho, o samba amarra o vínculo profundo entre Angola e Brasil. Denuncia a escravidão e eleva do fundo de si, o sangue angolano que corre nas veias do brasileiro negro.

⁶Ibidem.

Sangue de luta e resistência, mas também potência criativa revigorada pela arte, religião, música. Instaure na cultura popular a riqueza musical. Estabelece a relação entre o candomblé e o rito processional como artigo de fé e o carnaval de escolas de samba. E para mostrar, poeticamente, como o texto oferece coesão semântica do Semba – samba, Angola – Brasil, navio negreiro – escravidão e liberdade política, estética e religiosa, no último verso o grande representante da Vila Isabel, Martinho da Vila é evocado para exaltar essa multiplicidade de ser brasileiro na multiplicidade do ser angolano.

Somos cultura que embarca
Navio negreiro, correntes da escravidão
Temos o sangue de Angola
Correndo na veia, luta e libertação
A saga de ancestrais
Que por aqui perpetuou
A fé, os rituais, um elo de amor
(Pelos terreiros) dança, jongo, capoeira
(Nasce o samba) ao sabor de um chorinho
Tia Ciata embalou
Nos braços de violões e cavaquinhos a tocar
(Nesse cortejo) a herança verdadeira
(A nossa Vila) agradece com carinho
Viva o povo de Angola e o negro rei Martinho (VILA ISABEL, 2012)⁷

Este que fala uma língua estrangeira, é o mesmo que enuncia no seu dialeto marginal, o político. Seja o problema dos imigrantes na Europa atual, seja o tráfico de pessoas da era moderna mercantilista, este estrangeiro, por mais habituado que esteja, permanece um estrangeiro na sua fugidia canção: o *jazz*, o *blues*, o samba. Mas toda essa música não é trivial,

⁷Ibidem.

ela sempre revela o político, seja numa compreensão do poder como relações de forças, seja como disputa do comando centralizado do Estado despótico. O samba enredo mais bobinho é político, porque não é só poesia musicalizada, tem muita coisa embutida ali. O samba enredo é literatura menor porque tudo nele é político, se transforma em política. No carnaval da Beija-flor de 2018, *Monstro É Aquele Que Não Sabe Amar (Os Filhos Abandonados da Pátria Que Os Pariu)*, este atributo se torna evidente.

Importante salientar que a articulação de ideias deste samba é de uma sofisticação extraordinária. Os autores saem da invenção de Frankenstein de Mary Shelley, o monstro lendário imortalizado na cultura ocidental, para uma crítica político social do Brasil. Os brasileiros abandonados de sua pátria, o monstro do Brasil que larga seus filhos a própria sorte. No título há um trocadilho *abandonados da pátria que os pariu*, para deixar subentendido a forma como esbravejamos e brigamos até xingar. Não precisa colocar o xingamento, ele já está ali. Esses brasileiros são os muitos, juntados, sujeitados, oprimidos, trabalhando todo dia, ônibus lotado, diante de um Estado corrupto e uma gente conivente. Este samba é bastante curioso, pois lembro-me perfeitamente de comentários relativos a vitória da Beija-flor com um samba e um desfile que supostamente criticavam o PT (Partidos dos Trabalhadores) e, portanto, caia na malha de manipulação dos grandes veículos de comunicação corroborando para o golpe de Estado perpetrado contra Dilma Vana Rousseff. É isto, mas não só! Acredito que este samba ultrapassa a narrativa de corrupção do PT e restaura algo mais profundo, enraizado, buscando neste jogo político de Brasília, apontar uma causa para as injustiças sociais. Entretanto, a letra marca o racismo, a segregação, a intolerância como problemas desta pátria que os pariu. E isto não se remete a um governo ou a outro, mas a uma história mais longa de opressão e violência.

Sou eu, espelho da lendária criatura
Um monstro carente de amor e de ternura
O alvo na mira do desprezo e da segregação
Do pai que renegou a criação
Refém da intolerância dessa gente
Retalhos do meu próprio Criador
Julgado pela força da ambição

Sigo carregando a minha cruz
À procura de uma luz, a salvação (BEIJA-FLOR, 2018)⁸

No meio, ainda, da corrupção, do racismo, da violência de todos os dias, há usurpadores, charlatões a extorquir dinheiro do povo. As igrejas cristãs, principalmente, de todos os nomes e concepções, a prometer a terra prometida mediante pagamento, canalizando a dor da miséria social numa anestesia esperançosa de um além-mundo. Ora, se o cristianismo oferece este *toma lá dá cá* como prerrogativa da salvação e da vitória, continua o seu projeto de ataque as religiões indígenas e africanas pela demonização desqualificadora de sua cosmogonia. Mas samba os chama *na resposta: Me alimento de axé*.

Estenda a mão, meu senhor
Pois não entendo tua fé
Se ofereces com amor
Me alimento de axé
Me chamas tanto de irmão
E me abandonas ao léu
Troca um pedaço de pão
Por um pedaço de céu (2x) (BEIJA-FLOR, 2018)⁹

⁸ BEIJA-FLOR. *Monstro É Aquele Que Não Sabe Amar (Os Filhos Abandonados da Pátria Que Os Pariu)*. Composição: Bakaninha, Manolo, Kiraizinho, Júlio César Assis, JJ Santos, Diogo Rosa, Diego Oliveira, Di Menor, Rafael Prates. Nilópolis: 2018. Ouça in: <https://www.youtube.com/watch?v=dxCAncfv0bk>

⁹Ibidem. *Monstro É Aquele Que Não Sabe Amar (Os Filhos Abandonados da Pátria Que Os Pariu)*.

A ganância é dos políticos, que não investem em educação, que mantém uma massa de analfabetos funcionais, cegos diante das ofensas mais hediondas. Há um certo cansaço, uma resignação, uma tristeza paralisante. Esses filhos abandonados não conhecem sua própria história, pois não sabem ler o livro de seu próprio criador. “Ganância veste terno e gravata/Onde a esperança sucumbiu/Vejo a liberdade aprisionada/Teu livro eu não sei ler, Brasil!” (BEIJA-FLOR, 2018)¹⁰. E daí o samba cresce, ganha sonoridade, vibração, e o canto se transforma num grito como a expurgar essa tristeza, essa dor incólume que é ser negro num país profundamente racista, desigual, injusto. Na voz e interpretação de Neguinho da Beija – Flor o efeito músico emocional é grandiloquente. Ocorre uma reviravolta, como se esta dor, esta tristeza, real, factível, factuais, resignada, transmutasse numa alegria indizível pela louvação a divindade maior da felicidade: o samba. O samba transfigura o apolíneo no dionisíaco. A música, que fala do choro, faz chorar, ela bate no corpo (ouça a canção com entrega), é um choro intenso, emocionado, mas nunca diminuído, como se fosse uma impotência: o choro vem porque é a potência pura descarregada em energia. Não é à toa que ela revigora, coloca pra cima, é alegria e o povo samba. Isto não é alienação, é liberdade, jovialidade, vida pulsante e vigorosa.

Mas o samba faz
Essa dor dentro do peito ir embora
Feito um arrastão de alegria e emoção, o pranto rola
Meu canto é resistência
No ecoar de um tambor

¹⁰Ibidem.

Vem ver brilhar
Mais um menino que você abandonou (BEIJA-FLOR, 2018)¹¹

Por fim, como um momento depois da catarse, o refrão para um *continuum*, uma impossibilidade de parar. Gente pobre não pode parar, a vida fez delas calejados seres que precisam continuar, a travessia é longa, difícil, mas a força de todos os santos ajuda nessa luta diária. O samba não pode parar, o desfile é longo, como a vida. Mas a Beija – flor é capaz de chamar esses filhos abandonados, entregues ao sofrimento, a amar, mesmo a pátria sumida e ausente. O coletivo ressignifica a dor dessas pessoas como a impulsioná-las a negar o pessimismo resignado dos covardes, para assumir o otimismo palpável de uma vontade de poder impregnada da eternidade do presente.

Oh, pátria amada, por onde andarás?
Seus filhos já não aguentam mais!
Você que não soube cuidar
Você que negou o amor
Vem aprender na Beija-Flor (2x) (BEIJA-FLOR, 2018)¹²

¹¹Ibidem.

¹²Ibidem.

Literatura menor é falar numa língua menor e fazer dela canto, música e política. Tudo é política nesta literatura. Pois, política não corresponde a uma leitura do conflito de interesses entre os mais poderosos políticos para o comando de uma nação, política é relação. Enquanto um poder oprime, outro resiste e (re)existe a sua violência. Portanto, os sambas enredos são políticos, disseminam sua cantoria como resistência política a ordem colonizadora dada, europeia, branca e cristã.

Considerações finais

A definição de literatura menor passaria pela qualificação de: falar numa língua estrangeira, de tudo ser político, de tudo ser coletivo e ser estrangeiro em sua própria língua. Aqui foram abordadas apenas duas nuances deste conceito mais amplo como fontes para análise dos sambas, os seus aspectos estrangeiros e político. As dimensões do artigo impedem uma abordagem mais ampla e completa sobre o conceito em geral, assim como uma apresentação mais diversificada de outros sambas para sustentar cada um destes pontos como endossos argumentativos do samba como literatura menor. É de relevante contribuição para os estudos de etno música, samba e negritude, realizar estudos mais longos, em dissertações e teses, focando, ao menos, nestes quatro pontos, com um receituário de sambas mais robusto também. Porém, sustentamos que o rápido artigo que escrevemos reforça o samba como literatura menor, por sua atitude, nem um pouco subserviente, de desterritorializar a língua maior com o incômodo de uma língua menor, insuportável ao ouvido do colonizador branco e racista; com a intenção de no texto reverberar o político como discursividade textual.

Referências bibliográficas

- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2007.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009a.
- DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DELEUZE, G. *O tempo redescoberto*. Porto Alegre: Globo, 1983.
- DELEUZE, G. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Que é a Filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2007.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - vol. 1: Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - vol. 2: Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2011c.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - vol. 3: Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - vol. 4: Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - vol. 5: Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2012c.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos II – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Vozes: Petrópolis, 1996.
- KAFKA, Franz. Investigações de um cão. In: *Narrativas do espólio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Recebido em: 06-01-2025
Aprovado em: 23-12-2025

Wesley Barbosa

Licenciado em História pela UFES e bacharel em Psicologia pela mesma instituição. Mestre em Filosofia pelo PPGFIL-UFES. Doutorando em Filosofia pelo PPGFIL-UFES e doutorando em psicologia pelo PPGP-UFF.